

| Conto

## ALLEGRO MA NON TROPPO

Por Lucia Bettencourt

ELA ESTAVA NA CURVA DOS CINQUENTA. Ele havia entrado nos trinta há pouco tempo. Conheceram-se numa fila para um concerto no Municipal. Já quase chegando a sua vez, ela começou a procurar a carteira na bolsa, enorme e sempre cheia de coisas as quais, ao sair de casa, lhe pareciam imprescindíveis e que, no decorrer do dia, só serviam para atrapalhar na hora de localizar o celular ou de encontrar as chaves do carro ou a carteira de notas.

Ele ofereceu-se para segurar o guarda-chuva e o livro que ela havia extraído de dentro das profundezas de seu abismo pessoal e que agora se tentava segurar enquanto continuava a busca. Trocaram palavras amáveis e, quando chegou sua vez, já sabia que ele viria ao concerto no mesmo dia que ela, em companhia da avó, com quem morava.

No dia do concerto, descobriu que estavam sentados ao lado um do outro. E que a avó, infelizmente, não poderia vir, gripada. Ela procurava os óculos na bolsa, desta vez, pequena. Tão pequena que o programa não cabia dentro e para tirar os óculos era preciso, primeiro, libertar o celular. Ele se ofereceu para segurá-lo e ela cumprimentou-o pelas mãos, bonitas e bem tratadas, parecendo de pianista. Ele confirmou, contando-lhe que esta era sua ambição. Sonhava em, um dia, apresentar-se ali, no Municipal. Enquanto isso, ia se apresentando na Escola de Música, no auditório do Ibam, nos museus. Apaixonada pelo instrumento, ela gostou de descobrir as aspirações dele. Trocaram nomes de compositores e intérpretes favoritos. Ela, que viajava pelo mundo atrás das belas músicas e que já tinha jantado com maestros famosos, contou-lhe da vez que, na Rússia, tinha encontrado o conhecido pianista brasileiro, e de como tinham ficado amigos, desde então.

O concerto silenciou-os. Ao final, trocaram suas impressões e ela ofereceu-se para levá-lo em seu taxi. Ele agradeceu, tinha vindo de carro, mas, se ela quisesse, ele teria prazer de deixá-la em casa, um elegante edifício antigo à beira mar.

Era este o início banal da história dos dois. Tornaram-se inseparáveis. Ele ia à casa dela todos os dias, tocavam peças à quatro mãos no fabuloso piano, quase tão valioso quanto a coleção de partituras autografadas que enfeitavam as paredes do apartamento dela.

Ela queria apresentá-lo a seus amigos, maestros e patronos influentes. Ele se excusava. A avó, cada vez mais doente não permitia que se dedicasse mais ao piano. Ele só conseguia estudar suas peças na casa dela, pois o som do instrumento perturbava o repouso da anciã. Na ampla sala, o ruído do mar abafava os trechos em surdina dos tristes adágios que ele dedilhava, cada vez mais alheadamente.

Para que ele não desistisse, ela se postava a seu lado, virando as folhas das partituras, ou, ocasionalmente, passando os dedos aristocráticos e magros por entre os cabelos maltratados do rapaz, num carinho que se queria maternal. Nos intervalos, eles assistiam DVD's geralmente concertos ou óperas. Na sala escurecida, iluminada apenas pelas imagens projetadas, eles se examinavam furtivamente. O rosto dela, onde os traços se calcavam como as linhas de um desenho feito com força exagerada, guardava uma beleza de fruta que começa a decair. O rosto dele ainda guardava uma certa adiposidade, característica da extrema juventude. No seu corpo de pianista, inseriam-se as marcas: uma certa barriga, as costas começando a se curvar, pernas finas, desacostumadas aos exercícios. No corpo dela, outros eram os sinais que a desenhavam em linhas cansadas. O que ela tinha de belo era a boca. Carnuda e rosada, com dentes bem desenhados, ligeiramente irregulares, zombando da ordem instituída pelos sorrisos modernos. Ele sonhava em morder aquela boca, sempre em movimento, ora falando, ora sorrindo, fresca. Um dia, tomou coragem.

Ela estremeceu como um pássaro, assustada. Aceitou o beijo sem paixão, mas com prazer. Ele suspirou, puxando-a para junto de si. Num andante maestoso a amizade passou a uma paixão semitonada. Afinal, a avó estava doente. E ela era uma pessoa que gostava de manter as aparências.

Com a inevitável morte da avó, o andamento de sua sinfonia amorosa teve que mudar. Ele, deprimido, se recusava a sair de casa. Ela, discreta, não exagerava as visitas que fazia ao apartamento sombrio, onde as coisas pareciam impregnadas com o cheiro da falecida. Seus encontros rareavam. Mas, quando ele vinha à sua casa, a sala ressoava com as melodias tocadas a quatro mãos, as mãos se tocavam no sobressalto das teclas, e, metrônomo esquecido, variavam o andamento de acordo com o improvisado das emoções.

Na abertura da nova temporada, fizeram assinatura juntos. iam cedo para o teatro, desciam para o bar, de memórias suntuosas, para tomar uma taça de champagne antes do espetáculo. Uma amiga, de passagem pelo Rio, ao encontrá-los no teatro, perguntou se ele era seu filho. Ela respondeu que era seu amante, mas a amiga achou que ela estava brincando. Percebeu, então, que já não dava mais para manter aquele sustenido.

Numa marcha lenta, quase fúnebre, a separação foi se desenvolvendo compassadamente. Ela viajou, para escutar Wagner. Ele ficou, estudando para um concerto que ela conseguira agendar para ele.

Quando se reencontraram, ele estava no palco do Municipal, e ela em seu lugar habitual. Ela aplaudiu emocionada. Ele percebeu, ao receber o belo bouquet de rosas vermelhas, que era uma oferta dela. Com os olhos procurou-a na platéia, mas ela já estava lá fora, no lobby.

Quando ele saiu, ela estava do lado de fora, do outro lado da rua, dentro de um táxi. Viu quando ele saiu pela porta lateral, rodeado de amigos que festejavam o sucesso de sua primeira apresentação no Municipal. Uma jovem loura, de curvas abundantes, pensurava-se em seu braço. Ela mandou o táxi seguir em frente. Dissonantes, ela prosseguiria sua vida, allegro ma non troppo, enquanto ele escolheria o andamento que melhor lhe conviesse.

---

**LÚCIA BETTENCOURT** (Rio de Janeiro) Escritora. Venceu o Prêmio SESC de Literatura, categoria Contos, em 2005, com o livro *A Secretária de Borges* (Record, 2006) e o Concurso Osman Lins de Contos, em 2006. Tem ainda publicado a coletânea de contos: *Linha de Sombra* (Record, 2008).